

## A SAÚDE MENTAL DOS ACOMPANHANTES HOSPITALARES: SOFRIMENTO E INVISIBILIDADE

FERNANDES, Luiza de Souza<sup>1</sup>  
DOS SANTOS, Rayane de Castro<sup>1</sup>  
BORGES, Thaiz Angelo<sup>1</sup>  
ESCARPINI, Vanessa de Castro<sup>1</sup>  
DOS SANTOS, Wallace Felipe Mota<sup>1</sup>  
MACHADO, Thiago Pereira<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Graduandos do Curso de Psicologia, da Faculdade Multivix Cachoeiro de Itapemirim-ES – luluedari@gmail.com; rayanedecastro88@gmail.com; thaizlessa1@gmail.com; vescarpini@gmail.com; contatowallacefelipe@gmail.com

<sup>2</sup> Professor orientador: Doutor e Mestre em Psicologia Institucional PPGPSI/UFES. Docente da Faculdade Multivix Cachoeiro de Itapemirim-ES – thiagopmachadopsi@gmail.com

### 1 INTRODUÇÃO

A hospitalização é uma experiência complexa que ultrapassa o sofrimento físico do paciente e envolve profundamente os acompanhantes, que se veem imersos em sentimentos de ansiedade, medo e impotência diante da incerteza e da fragilidade do ente querido. O ambiente hospitalar, por sua natureza intensa e imprevisível, tende a gerar sobrecarga emocional e desgaste psicológico, afetando significativamente a saúde mental desses indivíduos. Segundo Caroline Mendes de Souza et al. (2023), cuidadoras e familiares enfrentam um processo contínuo de enfrentamento emocional, que exige resiliência diante das demandas físicas e afetivas impostas pelo cuidado.

Em âmbito internacional, Timothy H. Amass et al. (2022) e Nancy Kentish-Barnes et al. (2023) evidenciam que familiares de pacientes internados em unidades de terapia intensiva apresentam altos índices de estresse, ansiedade e sintomas de transtorno de estresse pós-traumático (TEPT), revelando que o sofrimento psíquico do acompanhante se estende além do período de internação. Esses resultados destacam a urgência de reconhecer o acompanhante como sujeito vulnerável e integrante do processo de cuidado hospitalar, e não apenas como espectador.

Dessa forma, o presente estudo tem como objetivo geral analisar a saúde mental dos acompanhantes hospitalares sob a ótica do sofrimento e da invisibilidade institucional. Como objetivos específicos, propõe-se: (1) identificar os fatores emocionais associados à hospitalização; (2) discutir a falta de suporte psicológico nos

*Anais da X Mostra Científica da Faculdade Multivix Cachoeiro de Itapemirim, v.10, n.1, nov. 2025.*



hospitais; e (3) propor estratégias de acolhimento e humanização que promovam o bem-estar e a dignidade desses sujeitos.

## **2 MATERIAL E MÉTODOS**

A presente pesquisa é de natureza qualitativa, descritiva e exploratória, desenvolvida por meio de uma revisão bibliográfica integrativa. Foram realizadas buscas no Google Acadêmico e SciELO, utilizando as palavras-chave 'saúde mental', 'acompanhante hospitalar', 'acolhimento psicológico' e 'estratégias de enfrentamento'. Foram incluídos artigos publicados entre 2013 e 2023 que abordassem aspectos emocionais e psicossociais de acompanhantes de pacientes hospitalizados. Os estudos foram analisados de forma descritiva, buscando identificar temas recorrentes e lacunas na literatura.

## **3 DESENVOLVIMENTO**

### **Acolhimento e suporte psicológico ao acompanhante hospitalar**

O acolhimento e o suporte psicológico ao acompanhante hospitalar constituem dimensões fundamentais da prevenção em saúde mental, especialmente em contextos de hospitalização prolongada, nos quais prevalecem sentimentos de medo, incerteza e exaustão emocional. A Organização Mundial da Saúde (WHO, 2021, p. 12–13, 27–28) reconhece que programas de promoção e prevenção em saúde mental são essenciais para reduzir o sofrimento psíquico em populações vulneráveis, devendo estar integrados às práticas assistenciais. No ambiente hospitalar, o acolhimento se revela não apenas como apoio emocional, mas também como estratégia de cuidado e prevenção, capaz de proteger o acompanhante de sobrecargas psicológicas e favorecer vínculos terapêuticos mais saudáveis entre paciente, família e equipe de saúde.

Os estudos de Celia Hiromi Shiotsu e Regina Toshie Takahashi (2000) evidenciam que o acompanhante vivencia ansiedade, impotência, solidão e desgaste físico, frequentemente agravados pela ausência de espaços institucionais de escuta e acolhimento. Esses autores ressaltam que o ambiente hospitalar, marcado por rotinas rígidas e tensões constantes, pode gerar sofrimento emocional cumulativo, exigindo da instituição uma postura de cuidado ampliado. Tal compreensão converge com o modelo biopsicossocial proposto por George Libman Engel (1977), que defende

a indissociabilidade entre os aspectos biológicos, psicológicos e sociais no processo de adoecimento e recuperação. Reconhecer o acompanhante como parte dessa tríade implica ampliar o olhar institucional, assistindo não apenas o paciente, mas também quem o acompanha, promovendo um ambiente mais equilibrado e humanizado.

A Política Nacional de Humanização (PNH), elaborada pelo Ministério da Saúde (Brasil, 2013), reforça que a atenção integral deve contemplar todos os sujeitos envolvidos no processo de cuidado, valorizando a escuta qualificada, o respeito e a corresponsabilidade. Sob essa ótica, o acolhimento psicológico ao acompanhante representa uma prática que transcende a técnica e alcança o campo ético e social, ao legitimar sua presença e dignidade dentro do espaço hospitalar. Assim, acolher o acompanhante é reconhecer sua humanidade e o impacto que sua estabilidade emocional exerce sobre o processo terapêutico do paciente.

### **Percepção dos familiares acompanhantes de pacientes hospitalizados**

A hospitalização provoca mudanças significativas na dinâmica familiar e emocional dos acompanhantes, que vivenciam sentimentos de ansiedade, medo e impotência diante do estado de saúde do paciente (Henriques & Cabana, 2013). Essa experiência, marcada por longos períodos de espera e incerteza, gera sobrecarga emocional e desgaste físico, comprometendo o bem-estar psicológico. A preocupação constante e o afastamento da rotina tornam o acompanhante vulnerável a sintomas de estresse e fadiga, revelando a necessidade de reconhecer sua saúde mental como parte integrante do cuidado hospitalar.

A psicologia hospitalar desempenha papel essencial ao oferecer suporte emocional e estratégias de enfrentamento aos acompanhantes. Como destaca Alfredo Simonetti (2011), o psicólogo hospitalar atua para aliviar o sofrimento e fortalecer a resiliência desses indivíduos por meio da escuta e da mediação de conflitos. Essa atuação amplia o cuidado para além do paciente, construindo um ambiente mais acolhedor e humanizado, no qual o acompanhante se sente valorizado e amparado.

A escuta ativa, abordada por Jader Sebastião Raimundo e Matilde Meire Miranda Cadete (2012) e reforçada por Aline Letícia da Vitória e Cleber Lizardo de Assis (2015), constitui instrumento terapêutico indispensável nesse processo. Por meio dela, o acompanhante encontra espaço para expressar suas angústias e

emoções, o que reduz o sofrimento psíquico e fortalece os vínculos entre família, equipe e paciente. Assim, compreender a percepção dos familiares acompanhantes é reconhecer sua vulnerabilidade emocional e a importância de práticas institucionais que promovam acolhimento, dignidade e equilíbrio mental durante a hospitalização.

### **Percepção dos familiares acompanhantes de pacientes hospitalizados**

O acolhimento constitui eixo essencial da atenção hospitalar e deve ser compreendido como prática estruturante da humanização em saúde. A Política Nacional de Humanização (Humaniza SUS) orienta que o cuidado integral abrange dimensões físicas, emocionais e sociais, envolvendo não apenas o paciente, mas também familiares e acompanhantes, por meio da escuta qualificada, da comunicação empática e da valorização do vínculo (Brasil, 2015). Essas diretrizes consolidam o acolhimento como prática ética e institucional que transcende a técnica e busca promover um ambiente hospitalar centrado na pessoa.

Estudos nacionais reforçam que a humanização se concretiza por meio da educação em saúde, do diálogo e da corresponsabilidade entre profissionais e usuários. Marta Nunes dos Reis e Eliane de Souza Ribeiro (2011) destacam que processos educativos voltados ao cuidado tornam a assistência mais sensível às necessidades emocionais e relacionais, fortalecendo o vínculo entre equipe e paciente. Nessa perspectiva, Vanderli Maria de Oliveira e Aldina Zélia Carvalho Barbosa (2010) observam que a atuação humanizada dos profissionais, especialmente da enfermagem, repercute diretamente na satisfação, segurança e confiança dos pacientes, demonstrando que o acolhimento está intimamente relacionado à qualidade do cuidado e ao bem-estar coletivo.

Gustavo Henrique Carneiro e Luciana Aparecida Fonseca Martins (2020) apontam que a percepção dos pacientes sobre a humanização depende da postura ética, da escuta ativa e da capacidade de comunicação dos profissionais, o que impacta positivamente a experiência hospitalar. Do mesmo modo, Simone Patrícia Ferreira de Almeida e Ana Lúcia Souza Ferreira (2013) ressaltam que práticas de acolhimento institucional favorecem o trabalho em equipe e reduzem a distância entre profissionais e usuários, promovendo um ambiente de respeito, empatia e corresponsabilidade. Assim, o acolhimento e as intervenções humanizadas não

apenas qualificam a assistência, mas configuram estratégia fundamental para o fortalecimento das relações e a promoção da saúde integral.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise realizada evidencia que o acompanhante hospitalar ocupa um lugar de profunda vulnerabilidade emocional, frequentemente marcado por sentimentos de medo, impotência e exaustão. A ausência de suporte institucional adequado e de espaços de escuta qualificada contribui para o agravamento de seu sofrimento psíquico, tornando indispensável que os serviços de saúde reconheçam sua importância dentro do processo terapêutico.

Os resultados da revisão apontam que o acolhimento e o suporte psicológico são estratégias fundamentais para promover o equilíbrio emocional e a resiliência desses indivíduos. A atuação da psicologia hospitalar, associada às diretrizes da Política Nacional de Humanização, reforça a necessidade de práticas integradas que valorizem o acompanhante como sujeito de cuidado e corresponsável pela recuperação do paciente.

Constata-se, portanto, que investir em políticas institucionais voltadas à saúde mental dos acompanhantes significa fortalecer a qualidade da assistência e humanizar o ambiente hospitalar. Ao reconhecer o sofrimento e a invisibilidade desses sujeitos, amplia-se a compreensão do cuidado como um processo relacional e ético, que envolve o paciente, a família e a equipe multiprofissional. Assim, o acolhimento psicológico se consolida como pilar indispensável para uma atenção hospitalar verdadeiramente integral e humanizada.

#### 5 REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Simone Patrícia Ferreira de; FERREIRA, Ana Lúcia Souza. A humanização na atenção à saúde: um estudo de caso em hospital público. **Revista Latino americana de Ciências Sociais**, Niñez y Juventud, v. 11, n. 3, p. 385–401, 2013. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/1150/115048330003.pdf>. Acesso em: 24 set. 2025.

AMASS, T. H. et al. Stress-Related Disorders of Family Members of Patients Admitted to the Intensive Care Unit With COVID-19. **JAMA Internal Medicine**, v. 182, n. 10, p. 1062–1070, 2022. Disponível em: <https://jamanetwork.com/journals/jamainternalmedicine/fullarticle/2791664>. Acesso em: 10 out. 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Política Nacional de Humanização: Humaniza SUS**. Brasília: Ministério da Saúde, 2013. Disponível em: [https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica\\_nacional\\_humanizacao\\_pnh\\_fol\\_heto.pdf](https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_humanizacao_pnh_fol_heto.pdf).

BRASIL. **Caderno Humaniza SUS: Atenção Hospitalar**. Brasília: Ministério da Saúde, 2015. Disponível em: [https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/caderno\\_humanizasus\\_atencao\\_hospitalar.pdf](https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/caderno_humanizasus_atencao_hospitalar.pdf). Acesso em: 24 set. 2025.

BEUTER, M. et al.. Sentimentos de familiares acompanhantes de adultos face ao processo de hospitalização. **Escola Anna Nery**, v. 16, n. 1, p. 134–140, mar. 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-81452012000100018>.

CARNEIRO, Gustavo Henrique; MARTINS, Luciana Aparecida Fonseca. A percepção de pacientes sobre a humanização do atendimento hospitalar no Brasil. **Enfermería Global**, v. 19, n. 4, p. 159–169, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ean/a/J8c759Q7bqntF6VfbttxrQr/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 24 set. 2025.

ENGEL, G. L. The need for a new medical model: a challenge for biomedicine. **Psychodynamic Psychiatry**, v. 196, n. 4286, p. 129–136, 1977. Disponível em: <https://www.urmc.rochester.edu/MediaLibraries/URMCMedia/medical-humanities/documents/Engle-Challenge-to-Biomedicine-Biopsychosocial-Model.pdf>.

HENRIQUES, R. T. M.; CABANA, M. C. F. L. O acompanhante no processo de hospitalização. **Revista Humanae**, v. 7, n. 1, 2013. Disponível em: <https://revistas.esuda.edu.br/index.php/humanae/article/view/69>. Acesso em: 10 out. 2025.

KENTISH-BARNES, N. et al. PTSD Symptoms Among Family Members of Patients With COVID-19 ARDS: A 12-Month Follow-up Study. **JAMA**, v. 330, n. 1, p. 56–65, 2023. Disponível em: <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC10474575/>. Acesso em: 10 out. 2025.

OLIVEIRA, Vanderli Maria de; BARBOSA, Aldina Zélia Carvalho. A humanização da assistência à saúde no contexto hospitalar: reflexões sobre a prática de enfermeiros no Brasil. **Revista Fênix**, v. 7, n. 2, p. 79–92, 2010. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fen/article/view/46900>. Acesso em: 24 set. 2025.

RAIMUNDO, Jader Sebastião; CADETE, Matilde Meire Miranda. Escuta qualificada e gestão social entre os profissionais de saúde. **Acta Paul Enferm.**, v. 25, n. special issue 2, p. 61-67, dez. 2012. Disponível em: <https://acta-ape.org/article/escuta-qualificada-e-gestao-social-entre-os-profissionais-de-saude>. Acesso em 25 de set. 2025.

REIS, Marta Nunes dos; RIBEIRO, Eliane de Souza. A efetividade da educação em saúde no processo de humanização da assistência hospitalar. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 32, n. 3, p. 605–610, 2011. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/rgenf/article/view/5347>. Acesso em: 24 set. 2025.

*Anais da X Mostra Científica da Faculdade Multivix Cachoeiro de Itapemirim, v.10, n.1, nov. 2025.*

SHIOTSU, M.; TAKAHASHI, R. O acompanhante na instituição hospitalar: significado e percepções. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 34, n. 4, p. 336–344, 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reeusp/a/hycSPtJfKBVpG83V3jsSNhM>. Acesso em 04 de out. de 2025.

SIMONETTI, A. **Manual de Psicologia Hospitalar: o mapa da doença**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011.

SOUZA, C. M. et al. Sobrecarga emocional ante a malformação congênita e o enfrentamento de cuidadoras. **Psicologia e Saúde**, Campo Grande, v. 15, n. 2, p. 1–14, 2023. Disponível em: <https://www.pssa.ucdb.br/pssa/article/view/686>. Acesso em: 10 out. 2025.

VITÓRIA, Aline Letícia da; ASSIS, Cleber Lizardo de. Vivências e estratégias de enfrentamento em acompanhantes de familiar hospitalizado em uma unidade hospitalar do município de Cacoal-RO. **Aletheia**, n. 46, p. 16–33, abr. 2015. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-03942015000100003](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942015000100003). Acesso em: 30 ago. 2025.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Comprehensive Mental Health Action Plan 2013–2030**. Geneva: WHO, 2021. Disponível em: <https://www.who.int/publications/i/item/9789240031029>. Acesso em 30 ago. 2025.